

# POR UMA OUTRA HISTÓRIA DA LÍNGUA

Marlos de Barros PESSOA  
UFPE

*Resumo: Este artigo enfoca a necessidade de uma nova perspectiva para a história das línguas, em especial da língua portuguesa. Com o enriquecimento dos estudos que extrapolam o estudo da forma, seja na fonética, seja nos outros níveis da análise lingüística, novas visões se impõem para a história da língua. Casando-se aspectos que envolvem usos, textos — sua produção e os processos de transmissão —, formas de leitura e história social, abre-se um largo leque de possibilidades para se ampliar a compreensão da historicidade das línguas. Nessa sentido, o artigo propõe passos claros na direção de uma nova história.*

Palavras-chave: *história, texto, leitura.*

## 1. Velhos e novos paradigmas

O título deste trabalho aponta para uma mudança de paradigma na abordagem da história da língua. Podemos, *grosso modo*, resumir dois momentos que se sucederam nos estudos históricos. O primeiro, de inspiração positivista, que entendia a história da língua numa perspectiva evolucionista, em que estágios, sobretudo no campo da fonética e da morfologia, se sucediam. É o caso das gramáticas históricas. Um segundo paradigma é o dos princípios e parâmetros, que combina uma perspectiva gerativista com a teoria da variação. Fica claro que o campo mais apropriado desse paradigma é a mudança sintática.

Uma perspectiva que leva em conta os processos de organização textual tem que pressupor um outro paradigma, de certa forma já dado pela lingüística textual e a pragmática<sup>1</sup>, para considerar apenas duas possibilidades. É claro que, como o tex-

---

<sup>1</sup> Não se deve esquecer que a filologia já se preocupava com o texto e os antecedentes da lingüística textual têm suas raízes na retórica antiga. V. Coseriu (1980: 9-11).

to é objeto de leitura, a história da leitura passa automaticamente a fazer parte dessa nova história. Nesse conjunto, se deve levar em consideração também os suportes de veiculação textual, desde o oral, o escrito manual, o impresso e o digital. Em relação ao oral, pode parecer desafiador, na medida em que não se tem o registro do falado de épocas passadas anteriores à tecnologia de gravação da fala, tais como o gramofone e o gravador. Mas a possibilidade se apresenta no caso do oral, quando se amplia a visão do mero canal de realização para um espaço mais largo, em que se pode investigar as características da cultura oral em contato com a cultura escrita. Nesse espectro mais amplo, a língua falada e a língua escrita podem ser melhor compreendidas historicamente. Com isso se está definitivamente no terreno do texto. Nesse sentido, algumas considerações sobre o uso de textos no passado são fundamentais:

- a) muitos textos foram produzidos por ditado, porque essa era uma das formas de produção textual;
- b) muitos escrivães eram pessoas pouco preparadas na habilidade de escrever;
- c) muitos textos foram produzidos num contexto de oralização, ou seja, foram escritos para serem lidos em voz alta, o que não é a mesma coisa que escrever pressupondo um leitor silencioso.

## 2. A escrita e a semi-oralidade

Par dar continuidade à exposição sobre a complexidade que envolve a relação oral-escrito na história, como sugeri acima, pode-se dizer que a história das línguas tem sido tradicionalmente elaborada a partir dos fenômenos encontrados na língua escrita, supondo-se que eles representam fenômenos da língua falada. Em outras palavras, o que está no escrito representa também o que está no oral. Raros são os trabalhos que explicitam que tais fenômenos se referem decididamente à língua escrita<sup>2</sup>. Quero com isso afirmar que as fontes em que se baseiam as

---

<sup>2</sup>V. Bechara (1991).

pesquisas são obviamente material escrito, podendo algumas vezes se basear em materiais produzidos em condições de semi-oralidade<sup>3</sup>. Eisenstein (1998:22) identifica bem o espaço que procuro caracterizar:

*...essa teia da cultura manuscrita era tão frágil, que mesmo as elites letradas confiavam fortemente na transmissão oral. Uma vez que as cópias executadas nos "escritórios" eram feitas sob ditado, e que as composições literárias eram tidas como "publicadas" mediante sua leitura em voz alta, pode-se dizer que até mesmo o aprendiz "pelo livro" dependia da confiança depositada na palavra falada - o que produzia uma cultura híbrida semi-oral, semiletrada, sem qualquer equivalente preciso nos dias de hoje<sup>4</sup>.*

Esta reflexão enseja uma constatação importante. Inicialmente devem-se distinguir dois tipos de escrito, o manuscrito e o impresso. É conhecida a distinção estabelecida por McLuhan<sup>5</sup>. Este autor aponta uma diferença fundamental entre duas formas de cultura a partir de surgimento da imprensa no século XV. O surgimento do texto impresso passou a estabelecer uma nova natureza do escrito. A princípio a tendência era passar do manuscrito para o impresso, mas com o tempo uma série de especificidades foram se estabelecendo, o que passou a caracterizar a cultura do impresso.

### 3. Manuscrito e oralização

Mesmo depois do surgimento do impresso, o manuscrito nunca deixou de existir. A partir do século XVI os estudos históricos não esclarecem nitidamente em que tipo de fonte se apói-

<sup>3</sup>Com *semi-oralidade* me refiro à perspectiva teórica que considera os textos produzidos na passagem do oral ao escrito. Aí devem-se incluir os textos produzidos por indivíduos de escassa instrução formal, que não receberam o devido preparo para a utilização da escrita. É sabido que tais indivíduos produzem textos da perspectiva da língua falada, deixando de operar as transformações que a tarefa exige. V. Schlieben-Lange (1995).

<sup>4</sup>Eisenstein (1998:22).

<sup>5</sup>V. A Galáxia de Gutenberg.

am e teria sido interessante se comparações houvessem sido feitas entre manuscrito e impresso. É claro que não estou pensando no léxico, nem na grafia, mas muito mais na configuração do texto como um todo e em sua textualidade.

Um outro aspecto a se contemplar é a relação entre manuscrito e leitura oral em oposição a impresso e leitura silenciosa. Neste ponto se começa a entrar na história da leitura, que tem a ver com a pontuação, por exemplo. A leitura oral ou em voz alta - em outras palavras, oralização de textos escritos - que predominou na era do manuscrito, também não cessou com o advento do impresso. Ela teve um papel muito importante em vários momentos da história das sociedades e em muitas comunidades em estágios diferentes de seu letramento. Por exemplo, no Brasil, no século XIX, era prática comum se ler em voz alta as proclamações divulgadas pelo império. Ademais, vê-se que essa prática se coaduna com o domínio da eloquência, que se arrastava por séculos. Outro aspecto a se destacar é o papel da oralização de textos no processo de alfabetização, que só deixou de ocorrer com o advento da concepção do construtivismo<sup>6</sup>. Cabe ainda destacar o papel de outros meios de comunicação como o rádio no século XX, que começou baseando-se na oralização de textos e somente depois incorporou a conversa mais espontânea.

#### 4. *Scriptio continua/descontinua*

Foi comum, principalmente na Antiguidade e parte do período medieval, a chamada *scriptio continua*, que é a escrita sem separação entre palavras<sup>7</sup>. É claro que para perceber certas unidades lexicais, por exemplo, era necessária a leitura em voz alta para se poder discernir essas unidades. Isso prova a intermediação da voz para dar sentido ao texto. No período medieval, a pontu-

---

<sup>6</sup>Emília Ferreiro nunca se refere à oralização no processo de alfabetização.

<sup>7</sup>Leite de Vasconcelos explica um pouco como tratou um dos textos mais antigos da história do português: - *Na minha transcrição faço o seguinte: separo as palavras segundo o uso moderno; ponto; adopto letra maiúscula nas circunstâncias em que hoje se adopta; desfaço algumas abreviaturas...*(Vasconcelos, 1970:15).

ação aparece nitidamente associada ao ritmo produzido pela voz, o que ainda hoje se mantém, quando se escreve, e exerce um papel fundamental na leitura em voz alta. Para demonstrar como se lia na Idade Média, Postmann assim escreve:

*O leitor medieval típico procedia mais ou menos como um dos nossos alunos recalcitrantes de primeiras letras: palavra por palavra, murmurando para si mesmos, pronunciando em voz alta, dedo apontado em cada palavra, mal esperando que delas fizesse algum sentido(15). E aqui me refiro àqueles que eram letrados. A maioria da população não sabia ler.*

Depois daí, mesmo depois da imprensa, aparecem manifestações de uma *scriptio discontinua*, que já apontam para uma fase de transição para a total segmentação, com evidências de uma nova fase da história da leitura em determinadas comunidades, que, ao lado da antiga forma de ler, também cultivam a leitura silenciosa. Nesses casos, os fenômenos mais comuns são a captação ou reprodução pela escrita daquilo que Matoso Câmara<sup>8</sup> chama de vocábulo fonológico, preponderantemente a adição de artigos e clíticos aos nomes e verbos com que se relacionam.

## 5. Impresso e leitura silenciosa

É unânime entre os estudiosos do tema que a leitura silenciosa se estabilizou como prática somente por ocasião do impresso. Isso não quer dizer que durante a era do manuscrito ela não tivesse existido. Com o surgimento das Universidades no século XIII, essa forma de leitura começa a ter alguma importância, mas somente com a imprensa passa a ser mais constante. E não somente depois da imprensa, mas principalmente a partir do século XVIII e XIX<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Câmara Jr. (1976:36), escrevendo sobre isso, afirma: *As pessoas mal alfabetizadas de hoje e os copistas medievais, escrevendo **olivro, sefala, falasse** (grifo meu), sem espaço em branco, estão adotando um critério fonológico, que não é autorizado pelas convenções atualmente vigentes na ortografia portuguesa.*

<sup>9</sup>V. Graff (1995); Petittat (1994).

## 6. Gêneros textuais (tradições textuais) e história da língua

Um outro problema é a relação da história da língua com as tradições discursivas. Importa estudar o surgimento de algumas dessas tradições, que muitas vezes significa a transformação de outras, que funcionam como básicas. Ademais, falta, quando se lêem os estudos de história da língua, alusão aos textos pesquisados para constituição do corpus. Isto é importante porque daí decorrem algumas observações esclarecedoras. Por exemplo, da distinção entre diferentes tradições, preponderantemente de opinião e preponderantemente de informação, resulta uma distinção entre léxico e tipos de frases, por exemplo.

## 7. Gêneros textuais e tipos de frases

Se a preocupação com o texto e com a leitura se torna o foco de interesse, então novos aspectos, antes postos de lado, merecem a nossa atenção. A natureza das frases, por exemplo, pode ser correlacionada com gêneros textuais. Os gêneros da narrativa tendem a diferir daqueles argumentativos, por exemplo. Por isso, é importante que se faça um pequeno mergulho no estudo da frase na história no Brasil.

## 8. A frase na história

A relação entre frase e gênero textual apresenta naturalmente uma correlação histórica, porque novos gêneros surgiram e diferentes momentos revelam concepções diferentes sobre os modos de escrever. Garcia (1982) classifica as frases em alguns tipos, dentre eles: *a frase labiríntica ou centopeica, a entrecortada e a de ladainha*. Passo a estabelecer a relação entre frase e texto.

### 8.1 Da frase labiríntica à entrecortada

#### 8.1.1 a frase labiríntica

Rui Barbosa – para tomar um autor bem brasileiro – não escreveu romances ou contos. Daí a utilização da frase labiríntica,

barroca. Os artigos de opinião preservaram o estilo barroco, centopeico, prolixo<sup>10</sup>, porque a frase labiríntica passa a se associar aos textos preponderantemente não-narrativos, muito mais propriamente os de opinião. Quer dizer que retórica, opinião e frase labiríntica se associam. Esta, imitação dos grandes escritores latinos, preponderou nos XVI e XVII, auge da retórica, que começa a ser debelada pelo Romantismo a partir do século XVIII na Europa. Para mostrar a origem da denominação “ciceroniana” desse tipo de frase, veja-se o excerto abaixo das *Catilinárias*<sup>11</sup>:

Oratio tertia

Rem publicam, Quirites, vitamque omnium vestrum, bona, fortunas, coniuges liberosque vestros atque hoc domcilium clarissimi imperii, fortunatissimam pulcherrimamque urbem, hodierno die deorum immortalium summo erga vos more, laboribus, consiliis, periculis meis e flamma atque erro ac paene ex faucibus fati ereptam et vobis conservatam ac restitutam videtis. et si non minus nobis iucundi atque illustres sunt ii dies, quibus conservamur, quam illi, quibus nascimur, quod salutis certa laetitia est, nascendi incerta condicio, et quod sine sensu nascimur, cum voluptate ervamur, profecto, quoniam illum, qui hanc urbem condidit, ad deos immortales benevolentia fama que sustulimus, esse apud vos posterisque vestros in honore debebit is, qui andem hanc urbem conditam amplificatamque servavit. Iam toti urbi, templis, delubris, tectis ac moenibus subiectos prope iam ignes circumdatosque restinximus idemque gladios in rem publicam dstrictos rettudimus mucronesque orum a iugulis vestris deiecimus.

<sup>10</sup> Medina (1988:176-182), estudando o estilo de jornais brasileiros dos anos da década de 1970, relata ter encontrado frases de complexa ordem indireta, típica do estilo argumentativo em editoriais e cita o *Jornal da Tarde*, afirmando que, exceto nos editoriais, ali a frase longa não é predominante.

<sup>11</sup> Trata-se do terceiro discurso contra Catilina, tal como publicado na edição da editora Reclam *Cicero. Vier Reden gegen Catilina*. Stuttgart, 1972:61.

Segundo os autores, esse modelo se espalhou, em Portugal e no Brasil, por exemplo, como na passagem abaixo de Frei Vicente do Salvador, citada por Câmara (1978:71):

Posto que o governador Mem de Sá não estava ocioso na Bahia, não deixava de estar com o pensamento nas coisas do Rio de Janeiro, e assim, sacudindo-se de todas as mais, aprestou uma armada, e com o bispo D. Pedro Leitão, que ia visitar as capitânicas do sul, que todas, naquele tempo eram da sua diocese e jurisdição, e com toda a gente que pôde levar desta cidade, se embarcou e chegou brevemente ao Rio, onde em dia de S. Sebastião, vinte de janeiro do ano de mil quinhentos e sessenta e sete, acabou de lançar os inimigos de toda a enseada, e os seguiu dentro de suas terras, sujeitando-os ao seu poder e arrasando dois lugares em que se haviam fortificado os franceses, posto que em um deles, que foi na aldeia de um índio principal, lhe feriram seu sobrinho Estácio de Sá de uma mortífera flechada, de que depois morreu<sup>12</sup>.

Como está indicado no texto, há somente três períodos e as orações se sucedem e entrecruzam no interior dos períodos<sup>12</sup>.

### 8.1.2 a frase entrecortada

A chamada frase entrecortada no Brasil começa numa fase do Romantismo depois de 1850. É a reação à frase centopeica. Essa reação viria a se acentuar no Realismo com Machado de Assis e Aluísio de Azevedo (Garcia, 1985:104-107) e prossegue no Modernismo. Chamada também de telegráfica - porque coincidência ou não, o telégrafo veio reforçá-la -, passou

<sup>12</sup> Um universo textual favorável ao uso desse tipo de frase é o jurídico ou burocrático. Bhatia (1993:112), estudando nesse universo textual o fenômeno das descontinuidades sintáticas, escreve: *That is the main reason why legal draftsmen try to insert qualifications right next to the word they are meant to qualify, even at the cost of making their legislative sentence inelegant, awkward or tortuous but never ambiguous, if they can help it.*



a ser assumida pelos jornais. Como muita gente que escreve o faz para jornais, esse estilo ganhou grande popularidade. A introdução de narrativas vai possibilitar um estilo que se aproxima do romance, do conto, o que favorece o desenvolvimento do gênero *notícia*<sup>13</sup>. Com a consciência da simplicidade, começa a se separar a opinião da informação<sup>14</sup>. Surge o romance<sup>15</sup> e o jornal começa a ganhar os contornos que hoje tem. Aí o editorial moderno começa a se configurar e preencher um espaço num contexto cultural diferenciado que começa a surgir. Na Europa, esse movimento já houvera começado no século XVIII e continuara no XIX. É interessante ler o depoimento de Watt (1990:48): *embora o jornalismo tivesse atraído muitos leitores interessados em temas laicos, o público ainda não havia encontrado uma forma de ficção que atendesse a seu desejo de informação, conhecimento, distração e leitura fácil*. É nessa relação com o público, antes não tão visível como agora, que o gênero romance epistolar propõe uma nova maneira de escrever, contribuindo para a derrocada do estilo pomposo. Assim se compreendem as razões de Richardson para escrever dessa maneira, encurtando suas obras, pensando no seu público leitor:

...Pelo menos duas delas devem ter estimulado a proximidade do autor: primeiro, escrever de maneira bem explícita até mesmo tautológica podia ajudar os leitores menos instruídos a compreendê-lo facilmente; e segundo, como quem lhe pagava era o livreiro e não o mecenas, rapidez e volume tendiam a se tornar as supremas virtudes econômicas.

(Watt, 1990:51).

---

<sup>13</sup> V. Pessoa (2004, no prelo).

<sup>14</sup> Embora ainda na primeira metade do século XX se encontrem notícias em estilo pomposo.

<sup>15</sup> A seguinte passagem de Watt (1990:51) é bastante esclarecedora sobre o papel do gênero carta familiar para o surgimento do romance: “É verdade que dois livreiros, Charles Rivington e John Osborne, pediram a Richardson que elaborasse um manual popular para redação de cartas familiares e com isso deram o impulso inicial para a composição de *Pamela*.”

Essa brevidade ou encurtamento do tamanho da frase tem muito a ver não só com a capacidade do público leitor, mas também com a natureza do meio de veiculação do texto, como o jornal com seu espaço peculiar. Picchio (1990:44) trata da literatura brasileira quanto a esse aspecto, referindo-se a Machado de Assis da seguinte forma:

É pelo exercício do jornalismo e principalmente da crônica (gênero já cultivado por escritores, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e França Junior) que seu estilo, “tão francês”, tão agilo, tão envolvente para os leitores, estilo que a crítica considera como matriz estilística de grande parte do romance contemporâneo. É o estilo falado e ao mesmo tempo ironicamente distanciado do comentador para narrar os fatos significativos da vida cotidiana, o estilo que sabe elevar o acontecimento casual ao nível do apólogo, ou a história... Os breves capítulos que argumentam a narrativa, com seus suspenses e seus lances teatrais em lugares estratégicos, bem precisos, não raro tiram sua origem das leis “espaciais” do jornal.<sup>16</sup>

Para concluir esta parte, transcrevo o pensamento de Garcia sobre o potencial desse tipo de frase:

Essa atomização do pensamento apresenta, é certo, a vantagem de lhe tornar mais fácil a compreensão... Se não há necessidade de mostrar a coesão interna entre as idéias, suas relações de mútua dependência, esse tipo de construção se torna bastante expressivo... Daí decorre, por certo, a sua predominância no romance e no conto modernos assim como na crônica. Mas será difícil encontrar exemplos de frase soluçante no ensaio crítico ou filosófico, na argumentação, nas dissertações doutrinárias, a não ser ocasionalmente<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Picchio(1988:44).

## 8.2 A frase de ladainha

Esse tipo de frase, tão referida como estilo bíblico, parece realmente ter surgido por importação por ocasião da traduzida da bíblia. Nitidamente ela não foi uma transformação simples do latim escrito por influência do falado<sup>18</sup>. Sendo caracterizada pela retomada incessante da conjunção no início (et latino), esse tipo de frase vai aparecer nos primeiros textos medievais do português, como no exemplo: *D. Afonso III*<sup>19</sup>

Elrrey dom Affonso, que foi conde de Bellonha, irmãoo que foi do sobredicto, foi cassado com a rraynha dona Beatriz, filha d'elrrey dom Afonso de Castela, e ouve della a jfante Dona Branca, que foi senhora das Olguas de Burgos, e o jfante dom Denjs e o jfante Dom Afonso e a jfante dona Sancha, que morreo em Seuilha e jaz em Alcobaça, e outros dous filhos, que morrerom pequenos, e hiu jaz em Alcobaça em o moesteiro de Sam Viçente de fora. E este rrey regnou ataa dezesete dias de feuereiro da era de mjl e trezentos e dezesete ãnos e assy regnou trijnta e dous ãnos, e jaz ½ o seu moesteiro d'Alcobaça.

## 9. Alfabetização, leitura e história da língua

Esses três temas estão intimamente relacionados. A importância deles para a história da língua se baseia no fato de que a difusão da escrita se realiza por meio da alfabetização, que implica em ler e produzir textos. Como habilidade mais passiva, o ato de ler possibilita o contato com a escrita e serve para desenvolver uma fala inspirada nela, que, portanto se afasta das variedades mais rurais e se aproxima da língua comum. Isso implica a produção de textos mais aproximados aos modelos de escrita, o que contribui para mais uniformização da língua.

A incorporação da escrita como objeto do estudo da história da língua e suas formas de veiculação carrega um grande

---

<sup>17</sup> Garcia (1982:108).

<sup>18</sup> Vê-se claramente que Cícero não a utiliza nas suas cartas familiares.

<sup>19</sup> Texto encontrado na *Crestomatia Arcaica*, de Nunes, J. J. (1981:28).

potencial. Desde a perspectiva da política lingüística como parte da organização do Estado<sup>20</sup> até a veiculação de material escrito e sua difusão, conforme aludi acima, interessam sobremaneira à história da língua como aspectos contextuais dos seus usos. Interessam também o estudo da alfabetização e o estudo dos chamados casos de semi-alfabetização, tal como aludido por Frago (1993:15-16):

A primeira, historicamente importante, é a “semi-alfabetização”. Até bem entrado no século XIX era bastante usual saber ler e não escrever, em especial entre as mulheres. As duas aprendizagens não eram simultâneas, mas sucessivas. A segunda exigia mais tempo e dinheiro que a primeira. Escrever, além disso, era considerado, para o sexo feminino, uma atividade moralmente mais perigosa. Havia, pois, muitos alfabetizados que podiam receber mensagens escritas, ler textos elaborados por outros, mas não comunicar-se por escrito, produzir textos. Não era estranho, por outro lado, que uma pessoa estivesse familiarizada apenas com um certo tipo de escrita - maiúscula ou minúscula, manuscrita ou impressa, letra gótica ou redonda, etc. Em tais casos sabia ler, mas um tipo de textos e não outros.

Dessa passagem, quero destacar o problema de se ler certo tipo de letra e não outro. No Brasil do século XIX, pode-se ler em Machado de Assis alusão à quantidade de pessoas que não liam “letra de mão”, algo que se caracteriza nitidamente como um caso de semi-alfabetização e aponta para a leitura do manuscrito comparavelmente à leitura do impresso. Mas outro aspecto importante é o problema da simultaneidade entre as aprendizagens da leitura e da escrita, que só passou a acontecer

---

<sup>20</sup>Exemplos desse papel podem ser vistos no caso da Inglaterra medieval e na constituição da nação portuguesa. Neste último, com a constituição da chancelaria como instância de produção dos textos oficiais e a instituição do português como língua escrita oficial por D. Dinis entre fins do séc. XIII e início do XIV.

com o ensino mútuo do início do século XIX. Não seria demais aludir ao problema das reformas ortográficas, que pela simplificação, buscavam possibilitar o acesso da produção textual a um público mais vasto. São procedimentos que dizem respeito à difusão da escrita na sociedade.

## 10. A revolução do telégrafo

Com a invenção do código Morse uma grande revolução estava por ser feita. A transmissão de textos à distância revolucionou as comunicações, tanto orais quanto escritas. O surgimento do telegrama é o exemplo típico dessa grande mudança. Ele significou um gênero textual que se caracterizava pela economia lingüística. Além disso, possibilitou a veiculação de um gênero textual mais objetivo, que não possibilitava a expressão da opinião, favorecendo uma nova concepção da notícia, tal como a entendemos hoje. Antes, não havia a rigor distinção entre a notícia e o artigo de opinião. Por volta de 1945, surgiu então o *lead*, que estabeleceu definitivamente as características da notícia.

Esse tema enseja uma necessidade de se estudar a história dos jornais<sup>21</sup>, principalmente a partir do século XVI. Esse meio de comunicação, que cresce em importância com a imprensa de Gutenberg, adquire cada vez mais um papel importante na veiculação de informações, opiniões e anúncios. O jornal recebe já no século XIX o concurso do telégrafo, já discutido, em seguida o da máquina de datilografia. O rádio, posteriormente, vai estabelecer forte ligação com o jornal, havendo influências de ambos os lados. A esse respeito, Silva (1999:45-6) atribui as origens da chamada *oralidade mediatizada* brasileira à língua escrita das gazetas do início do século XX:

“... a linguagem do rádio e, portanto, sua organização sintática, advém da escritura, pois a linguagem radiofônica nasce das Gazetas e Folhas da década de 30, dos romances distribuídos periodi-

---

<sup>21</sup> V. Pessoa (2003).

camente pelos folhetins da época, que eram lidos no rádio...”

Na verdade, a leitura dos jornais feita no rádio trazia consigo toda uma concepção da época. O discurso jornalístico era inspirado na eloquência e falar em público estava associado à prática do discurso pomposo, como demonstra Maranhão Filho (2000:13), ao relatar os primórdios do rádio em Pernambuco:

“... E o professor de Português, Abílio de Castro, fez-se leitor de escritos ao microfônio. As aulas nos liceus da cidade tomavam-lhe todo o tempo, mas os horários do rádio eram sagrados porque ajudavam a sobrevivência. Lia-se tudo para encher o tempo: uma página da “Crestomatia”, o artigo de fundo do Diário de Pernambuco, as farmácias de plantão, a previsão do tempo...”

O mesmo autor, Maranhão Filho (1998:33), já fizera alusão à influência da oratória na leitura dos textos radiofônicos, sobretudo quando cita os primeiros locutores, dentre eles Abílio de Castro, professor de português no Recife e César Ladeira, estudante de Direito, e reproduz a abertura de roteiro de programação:

“Senhores ouvintes, muito bom dia. Na capital Federal, são precisamente 8 horas. Neste momento, a sua Rádio Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro, dá início à sua programação de hoje, 2a. feira, dia\_\_de\_\_de\_\_ esperando que todos estejam conosco, acompanhando as atrações...”<sup>22</sup>

## 11. O surgimento do hipertexto

Tudo isso precede o surgimento da era da informática. A produção do texto na tela do computador propicia tanto a leitura, quanto a produção do texto com um novo meio. Isso levou ao surgimento do chamado hipertexto, que possibilitou inclusive a interação, na troca de turnos na língua “escrita”, nos

---

<sup>22</sup> Maranhão Filho (1998).

chamados *chats*. Com essa nova possibilidade, antes só realizada pela língua falada ou mediatizada pelo rádio, ou no telefone, por exemplo, vão surgir certos traços específicos em gêneros produzidos na interação *on-line* ou no envio de *e-mails*, constituindo uma variedade que engloba inclusive abreviaturas. Nesse sentido, temos a retomada de uma prática da época dos manuscritos, quando as abreviaturas desempenhavam um papel importante e refletiam o modo de produção de textos.

## 12. Conclusão

Com a série de tópicos arrolados acima, procurei mostrar um caminho aberto para a constituição de uma história da língua que ultrapasse o estágio ainda predominante da valorização da forma. Acredito que com essa “outra história” se combinam perspectivas de uso da língua e vida social. Os textos ganham espaço e as formas podem ser melhor compreendidas. Há, nesta visão, um sentido de conjunto de práticas dos usos da língua, tal como se combinaram ao longo da história, permitindo a compreensão da historicidade ao invés da mera sucessão de formas, que o legado evolucionista propiciou.

## REFERÊNCIAS

- BAHTIA, V. K. (1993). *Analysing Genre: Language use in professional settings*. London/New York, Longman.
- BECHARA, Evanildo (1991). *As fases da língua portuguesa escrita*. Actes du XVIII Congrès International de Linguistique et de Philologie romanes. Université de Trèves. Tübingen. V. III.
- CÂMARA JR., J. Mattoso (1976). *Problemas de Linguística Descritiva*. 8ª. ed. Petrópolis, Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1978). *Manual de Expressão Oral e Escrita*. 5ª. ed. Petrópolis, Vozes.
- CHARTIER, Roger (2001). *Cultura escrita, Literatura e História*. Porto Alegre, Artmed.

- COSERIU, Eugenio (1980). *Textlinguistik. Eine Einführung*. Tübingen, Gunter Narr Verlag.
- EISENSTEIN, Elizabeth (1998). *A Revolução da Cultura Impressa. Os primórdios da Europa Moderna*. São Paulo, Atica.
- FRAGO, Antonio V. (1993). *Alfabetização na Sociedade e na História. Vozes, palavras e textos*. Trad. Tomaz T. da Silva et alii. Porto Alegre, Artes Médicas.
- GARCIA, Othon M. (1982). *Comunicação em Prosa Moderna*. 10ª. ed. Rio de Janeiro, FGV.
- GRAFF, Harvey J. (1995). *Os Labirintos da Alfabetização*. Trad. Tirza M. Garcia. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995
- MARANHÃO FILHO, Luiz (1998). *Rádio em Todas as Ondas*. Recife, Editora Universitária.
- \_\_\_\_\_(2000). *Memória do Rádio*: Recife, Editora Universitária .
- MEDINA, Cremilda. *Notícia. Um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2ª. ed. São Paulo, Summus.
- MCLUHAN, Marshall (1977). *A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. Trad. de Leônidas G. de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo, Editora Nacional.
- NUNES, J. J. (1981). *Crestomatia Arcaica. Excertos da literatura portuguesa desde o que mais antigo se conhece até o século XVI*. Lisboa, Livraria Clássica Ed. 8ª.ed.
- PESSOA, Marlos de B. (2003). *O Jornal como fonte para a história da língua*. Anais do 1º Encontro da RedeAlcar. Rio de Janeiro, Unicarioca. Pub. em cdr.
- \_\_\_\_\_(2004). *Notas para uma história do gênero notícia no Brasil*. Atas do V Seminário do Projeto para a História do Português Brasileiro. Belo Horizonte, UFMG.
- PETITAT, André (1994). *Produção da Escola/Produção da Sociedade. Análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no Ocidente*. Trad. Eunice Gruman. Porto Alegre. Artes Médicas.
- PICCHIO, Luciana S. (1988). *Literatura Brasileira. Das origens a 1945*. Martins Fontes



POSTMANN, Neil (1999). *O Desaparecimento da Infância*. trad. de Suzana M. de A. Carvalho e José L. de Melo. Rio de Janeiro, Graphia.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte (1995). La construction des champs déictiques dans la semi-oralité. In: *Diacronie et Variation Linguistique. La deixis temporelle, spatiale et personnelle*. Edité par Van Deick, Rika. Bruxelles.

SILVA, Júlia de O. A. da (1999). *Rádio: Oralidade Mediatizada. o spot e os elementos da linguagem radiofônica*. São Paulo, Annablume.

VASCONCELOS, José Leite de (1970). *Textos Arcaicos*. Porto. Livraria Clássica Editora.

WATT, Ian (1990). *A Ascensão do Romance*. São Paulo, Companhia das Letras.